
Black Power: processos comunicativos e estéticos do corpo negro em torno do movimento secundarista¹

Francine ALTHEMAN²

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

Este artigo é uma reflexão sobre as potencialidades estéticas dos arranjos disposicionais que constituem as cenas de insurgência do movimento secundarista, que ocupou as ruas e as escolas de São Paulo em 2015. A proposta é pensar sobre a fabulação estética do movimento a partir das transformações de si dos corpos negros, por meio de suas narrativas e de suas produções artísticas. Essas reflexões partem do diálogo entre Foucault, Rancière e Deleuze sobre a formação do sujeito político nas resistências. O texto aposta em uma potencialidade da experiência estética para a emancipação política do sujeito, bem como a potência dos corpos negros em processos comunicacionais. Ele aponta ainda para a construção da cena insurgente por meio dos arranjos disposicionais que ela provoca, atentando também para as vulnerabilidades dos sujeitos envolvidos.

PALAVRAS-CHAVE: processos de comunicação; corpo negro; emancipação política; transformação de si; arranjos disposicionais.

INTRODUÇÃO

No final de 2015, estudantes do Estado de São Paulo iniciam um levante, que traz muitas das características dos chamados movimentos insurgentes: horizontalidade, apartidarismo, inspiração no novo anarquismo, ocupação do espaço público, que se transformam em espaços de trocas, resistência e experimentações, uso criativo das redes sociais digitais, e um engajamento atrelado à subjetividade e à transformação de si.

O movimento foi promovido por estudantes do Ensino Médio que ocuparam mais de 200 escolas no Estado de São Paulo contra o projeto de reorganização escolar proposto pelo governo para ser implementado no ano seguinte. Como consequência dessa medida, mais de 150 escolas seriam afetadas, com encerramento de turnos e ciclos.

A partir do anúncio da reorganização escolar, acontece uma sucessão de eventos insurgentes, iniciando com o rompimento dos estudantes com a constituição de poder do governo e a auto-organização de um movimento. Estudantes foram às ruas em diversas ocasiões para protestar contra a medida do governo estadual. Essa onda de protestos teve, entre seus episódios, o fechamento de ruas em São Paulo, fomentado por *performances*

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gêneros, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação Social pela UFMG, Professora do curso de Jornalismo da ESPM-SP. E-mail: franaltheman@gmail.com.

criativas dos alunos, que simulavam salas de aula nas principais vias e empunhavam cartazes produzidos por eles mesmos, no calor do momento (CAMPOS et al., 2016).

Esses processos estéticos e comunicativos que envolvem a resistência dos secundaristas de 2015, que aconteceu no Estado de São Paulo³, promoveram transformações e emancipações nos próprios sujeitos envolvidos, configurando-se como objeto de análise deste trabalho.

A proposta, portanto, é refletir sobre empoderamento dos jovens envolvidos no movimento associado às subjetivações e transformações de si, por meio das estéticas do corpo, especialmente do corpo negro. É importante reforçar que se entende aqui o corpo negro não somente como uma potência insurgente, estética e dissensual, mas também como potência comunicativa. Isso posto, para essa análise, aposto na configuração de arranjos disposicionais (BRAGA, 2018; 2020), a partir do conceito de dispositivo de Foucault ([1976] 2017; [1977] 1994; [1977] 2003), como potencialidade estética dos movimentos de resistência. Assim, tomo o conceito de construção de cenas proposto por Rancière (2018) em associação com os aportes foucaultianos para pensar experiências estéticas como uma aposta teórico-metodológica. Para associar esses conceitos, também recorro a Deleuze (1996; 2016), que desenvolve o conceito de dispositivo de Foucault. Com relação a discussão sobre raça, devemos considerar que a maioria dos estudantes que ocuparam as escolas era negra, oriunda da periferia de São Paulo. Desse modo, trazendo para o debate os trabalhos de Achille Mbembe (2018a, 2018b), Angela Davis (2017), Sílvio Almeida (2019) e Joice Berth (2019), vou costurar essas histórias com os aportes teóricos já apontados.

EMPODERAMENTO DE JOVENS DO LEVANTE SECUNDARISTA

Na insurgência secundarista, questões ligadas ao racismo e ao empoderamento do corpo negro foram intensamente colocadas em discussão, como que se chocando com o poder manifestado pelo discurso. Ora, os secundaristas que ocuparam as escolas eram, em sua maioria, oriundos da periferia, de poder econômico baixo, afinal estudavam em escolas públicas, e muitos deles eram negros.

³ É importante lembrar que o movimento dos secundaristas aconteceu em vários Estados brasileiros, especialmente entre 2015 e 2016. Mas as manifestações e ocupações paulistas foram as primeiras a acontecer neste cenário dos mais novos movimentos sociais, e desencadeou as demais ocupações pelo Brasil.

É preciso estar atento para o processo político oriundo do Estado que está implícito nessa questão da reorganização escolar, que envolve o modo de ver a escola pública, que é majoritariamente composta por alunos provenientes da periferia e negros ou pardos. Mbembe (2018a) vai chamar de necropolítica as várias formas de destruir uma cultura, colocando um terror de morte real. O Estado não pretende exterminar, no sentido estrito da palavra, os estudantes de escolas públicas. Mas, no sentido biopolítico, ele os deixa morrer, em um projeto de mercantilização da educação a longo prazo. Para fazer parte de um processo biopolítico, os secundaristas devem estar encaixados em um projeto disciplinar, que dificulta as discussões políticas e as subjetivações.

Cabe refletir sobre as questões que envolve o racismo estrutural nesse contexto e as transformações do corpo negro que envolveram os secundaristas. Nesse sentido, é preciso também refletir sobre o empoderamento do jovem negro. Apesar de a palavra ter sido distorcida e banalizada pelos usos, por vezes esvaziados de sentido, do senso comum, empoderamento é um neologismo que tem raízes complexas e antigas, mas que teve um desenvolvimento a partir das obras de Paulo Freire (1987). De forma resumida, o educador acreditava que, ao invés de dar ferramentas para que grupos oprimidos se empoderem, é necessário que os próprios sujeitos e grupos subalternizados empoderem-se a si próprios, a partir da crítica da realidade e de ações transformadoras. Assim, a Teoria do Empoderamento para Freire viria da Teoria da Conscientização Crítica, a partir do social e do coletivo e não apenas do individual, como o conceito é aplicado muitas vezes.

A partir das reflexões de Paulo Freire e outros autores, Joice Berth (2019) discute a estética do corpo negro costurando com a concepção de empoderamento. Para a autora, a estética tem sido um elemento importante de dominação dos grupos oprimidos, pois

[...] uma vez que se criam padrões estéticos pautados pela hierarquização das raças ou do gênero, concomitantemente criamos dois grupos: o que é aceito e o que não é aceito e, portanto, deve ser excluído para garantir a prevalência do que é socialmente desejado (BERTH, 2019, p. 113).

Berth (2019) reforça que o cabelo para os negros, sobretudo os jovens, é um importante elemento estético de autoafirmação, pois os preconceitos e estereótipos em torno da estética negra perpassam por essa solidificação do senso comum que ridiculariza o cabelo afro. Mas o cabelo não é o único elemento do corpo negro que é ridicularizado pelos racistas. Os rostos negros, nariz e boca principalmente, também sofrem com o

escárnio do ambiente social. Para a autora, os veículos de comunicação e mesmo as artes em geral reforçam os estereótipos que potencializam o preconceito contra a estética do corpo negro. Assim, para a população negra é um trabalho difícil, de ressignificação, para se libertar das estratégias de desqualificação da estética negra e não deixa de ser um trabalho de resistência.

Em outras palavras, o limite do fortalecimento da subjetividade de pessoas negras pela estética é a linha divisória que o coloca, de fato, em permanente autonomia diante da rejeição, da ridicularização e de todos os desestímulos que o posicionamento racista da branquitude é capaz de usar como arma de enfraquecimento e alienação para manter o sistema de dominação e opressão histórica de toda a população negra (BERTH, 2019, p. 128).

Os jovens secundaristas, por meio do corpo, de performances e de expressões artísticas, buscaram romper, em certa medida, com esse sistema de dominação, o que levou a processos de transformação e de emancipação dos sujeitos envolvidos no movimento de resistência. A insurgência secundarista foi além de um movimento que colocou em xeque as estruturas de poder do Estado e suas manifestações de biopoder, para ser também um movimento que fomentou processos subjetivos mais profundos, especialmente nos jovens negros e periféricos de São Paulo.

Para compreender essas transformações que envolveram o movimento, especialmente no que se refere ao empoderamento dos jovens negros, busco reconstruir as cenas de insurgência dos corpos negros, por meio das narrativas dos próprios estudantes, que fomentam arranjos disposicionais como processos de comunicação, como veremos no próximo tópico.

OS ARRANJOS COMO DISPOSITIVOS COMUNICACIONAIS

Para refletir sobre as cenas de insurgência do movimento secundarista, parto do pressuposto de que uma cena polêmica, no sentido utilizado por Rancière (2009, 2018), é composta de dois movimentos: uma fabulação dos atores que “aparecem” e se fazem ver e ouvir; e uma montagem operada por aquele que relata as singularidades que tornam a cena única, mas ao mesmo tempo conectada a vários eventos e processos mais amplos. Compreendo que a reconstrução da cena envolve mais do que a mera descrição do acontecimento. O processo está permeado por cenas dentro de cenas, pelas teias discursivas que vão se entrelaçando, pelas perspectivas dos documentos, produções

artísticas e narrativas usados para essa fabulação, pelas narrativas dos atores principais desse movimento, os secundaristas, e pela minha própria perspectiva como pesquisadora. Ou seja, é uma rede de feixes discursivos e comunicacionais que se entrelaçam.

É nesse ponto do meu percurso epistemológico que observo o entrelaçamento entre as cenas e os dispositivos foucaultianos, que também fazem parte da elucubração do pensamento de Rancière.

Mesmo tendo construído uma filosofia do dispositivo, Foucault não chegou a estruturar o conceito de maneira clara em suas obras. Por isso, muitas das definições desenvolvidas pelos seus seguidores sobre o termo acabam por restringi-lo ao dispositivo de poder ou ao dispositivo técnico, muitas vezes tratado erroneamente como sinônimo dos veículos de mídia.

Ao ler muitos de seus textos, é possível entender que o dispositivo está ligado ao discurso, ao poder, às relações e às resistências. Ao falar sobre analisar os dispositivos que permeiam a plebe, Foucault ([1977], 2003) ressalta que

Há sempre, com certeza, alguma coisa no corpo social, nas classes, nos grupos, nos próprios indivíduos que escapa, de uma certa maneira, às relações de poder; alguma coisa que não é matéria primeira mais ou menos dócil ou recalcitrante, mas que é o movimento centrífugo, a energia inversa, a escapada (FOUCAULT, [1977] 2003, p. 244).

Parece-me que Foucault está alertando para a capacidade de o dispositivo permear as relações, de que existe um sistema de relações nos dispositivos, incluindo aquelas que escapam às relações de poder, como as resistências e suas criações e fabulações.

A partir da leitura da entrevista que Foucault concedeu à Revista *Ornicar*, em 1977, logo depois da publicação da obra *História da Sexualidade I – A vontade de saber*, quando ele esclarece alguns pontos sobre o dispositivo, e também a partir da leitura que Deleuze (1996, 2016) e Braga (2018, 2020) fazem do dispositivo foucaultiano, foi possível estruturar o conceito de forma a compreender melhor sua contribuição para a reconstrução das cenas como processos estéticos comunicacionais.

Na entrevista supracitada, Foucault ([1977], 1994) deixa claro que o dispositivo tem uma função estratégica para o enfrentamento de uma urgência. Os elementos do dispositivo são um conjunto heterogêneo de proposições (discursos, instituições, leis, decisões, enunciados etc.), tanto o que é dito quanto o que é não dito. “O dispositivo é,

propriamente, o sistema de relações que se pode estabelecer entre esses elementos” (FOUCAULT, [1977] 1994, p. 299).

O que fica claro nas respostas de Foucault é que o dispositivo faz parte de elaborações e tentativas de arranjos que se organizam entre os sujeitos e seus componentes e que respondem a uma urgência de forma estratégica.

Para Braga (2018, 2020), com base nessa entrevista de Foucault e outros textos, o arranjo pode ser trabalhado como centro do dispositivo. Ele ressalta que essa proposta pode ser acionada para observar objetos de pesquisa que estão calcados na realidade com ênfase na dimensão comunicacional das coisas. Braga também advoga que é possível trabalhar com os conceitos de macro e microdispositivos, além dos conceitos de arranjos e dispositivos interacionais. “Há uma grande diversidade de microdispositivos, que referem, em composições variadas, àqueles macroagenciamentos de ordem comunicacional” (BRAGA, 2018, p. 89).

Sobre os agenciamentos, Deleuze (1996, 2016), para quem “os dispositivos de poder seriam um componente dos agenciamentos” (1996, p. 19), traça uma perspectiva sobre a filosofia dos dispositivos de Foucault, que entende os dispositivos como multiplicidades, “na qual operam certos processos em devir” (2016, p. 363).

[O dispositivo] é uma meada, um conjunto multilinear. Ele é composto de linhas de natureza diferente. [...] seguem direções, traçam processos sempre em desequilíbrio e ora se aproximam, ora se distanciam umas das outras (DELEUZE, 2016, p. 359).

Assim, vislumbro a reconstrução das cenas também como uma possibilidade de desemaranhar as linhas que compõem os dispositivos da insurgência secundarista e que promovem essas potencialidades estéticas do corpo negro que levam às linhas de subjetivação e, por sua vez, podem formular novos dispositivos.

PROCESSOS COMUNICATIVOS E ESTÉTICOS DO CORPO NEGRO

Os processos comunicativos e estéticos que atravessaram o movimento secundarista, principalmente relacionados ao feminismo negro e ao racismo, podem ser considerados arranjos disposicionais, no sentido dado por Braga (2018, 2020), já que são microdispositivos políticos que levam às linhas de subjetivação por meio da comunicação pelo corpo.

É possível ilustrar esse processo emancipatório pelo olhar da estudante Marcela de Jesus, que participou das ocupações e tinha 16 anos na época. Marcela, negra e moradora da região da cracolândia em São Paulo, conta que sua vida mudou radicalmente depois do movimento secundarista, não somente sua vida em sociedade, mas também sua visão de si mesma, como mulher negra.

Marcela foi uma das protagonistas do documentário *Espero tua (re)volta*, de Elisa Kapai, que mostra a movimentação dos secundaristas em manifestações, como a Jornada de Junho de 2013 e as ocupações de 2015. Marcela conta no documentário que passou por uma transição interior, que refletiu em sua aparência, a partir das discussões sobre feminismo dentro do movimento secundarista.

Sou a primeira da minha família a terminar o ensino médio. Fui criada no centro de São Paulo numa condição em que muitas vezes tínhamos que escolher entre comer ou morar, e como comer é mais importante, muitas vezes fomos despejados (Marcela de Jesus, E. E. João Kopke).

O Brasil não quer negros e pobres na universidade. A formação do ensino fundamental e médio é precária por isso mesmo. As pessoas não têm emprego e precisam fazer seu 'corre' vendendo coisas no trem, mas agora vão colocar a polícia militar dentro dos trens para reprimir isso! São ações propositais para manter os pobres longe de tudo (Marcela de Jesus, E. E. João Kopke)⁴.

No documentário supracitado, Marcela conta que sua transformação passou pela descoberta de si mesma como uma menina negra, o que levou a uma transformação de sua aparência física. É comum que questões físicas, como cabelo e rosto, sejam questões complexas no movimento negro. O cabelo, por exemplo, é um dispositivo de empoderamento importante, tendo em vista que muitos negros passam pelo processo conhecido como transição capilar: não gostam de seu cabelo, alvo de “brincadeiras” preconceituosas e xingamentos, mas, ao se transformarem, costumam abandonar as tentativas de mudar o cabelo.

Obviamente, a manifestação desse desejo repentino de ser branco se dá pelo aprisionamento elencado pela rejeição de si mesmo e de sua aparência negra em detrimento da brancura que lhe parece ser a única portadora de dignidade (BERTH, 2019, p. 133).

⁴ Depoimento publicado em: DONATO, Mauro. *Como o engajamento social transformou a vida de uma secundarista que lutou por educação*. Diário do Centro do Mundo (on-line), 28 de fevereiro de 2019. Disponível em: <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/como-o-engajamento-social-transformou-a-vida-de-uma-secundarista-que-lutou-por-educacao-por-mauro-donato/>>. Acesso em: 22/09/2020.

Durante o movimento secundarista, com 16 anos, Marcela já começou o processo de transição capilar e nunca mais usou técnicas de alisamento em seu cabelo. Hoje, as únicas químicas que penetram em seu cabelo são as tintas que a deixam com os cabelos coloridos de vez em quando. Marcela compreendeu que não precisava viver de acordo com os padrões impostos por uma cultura que enaltece a branquitude e que ela se sentia mais empoderada sendo ela mesma. É um processo de transformação de si que passa por uma certa ruptura com o sistema imposto sobre as minorias.

A estudante ainda ressalta as barreiras que existem na escola para fazer esse tipo de discussão, ou seja, não são só as discussões sobre sexualidade e feminismo que são limitadas dentro da escola, mas também os debates acerca do racismo estrutural. É mais uma tendência ao papel disciplinador que a escola representa dentro de uma estrutura do biopoder.

Fizemos [secundaristas] questão de dar mais voz para aquilo que a sociedade cala, as mulheres sempre foram caladas. A população LGBT também e a gente dá mais voz. Para os negros também. Eu tento fazer a desconstrução no dia a dia, mas na minha escola acho que eu desisti, porque as pessoas olham pra mim e falam: ‘nossa, tudo pra você é machismo’, ‘ah, lá vem a feminista’. É difícil desconstruir essas pessoas. Elas são ignorantes, entra por um ouvido e sai pelo outro. Não prestam atenção em nada do que você fala (Marcela de Jesus, E. E. João Kopke).

As discussões sobre racismo estrutural também foram importantes durante o movimento secundarista, tendo em vista que muitos meninos negros também passaram por um processo de transformação de si, buscando sair da invisibilidade que as relações de poder impõem aos negros.

Achille Mbembe (2018b) afirma que a formação das identidades africanas contemporâneas passa por um processo de colonização. O colonialismo foi um projeto de universalização para inscrever os colonizados no espaço da modernidade, do Iluminismo. Porém, Mbembe ressalta que a “vulgaridade, a sua brutalidade tão habitualmente desenvolva e a sua má-fé fizeram do colonialismo um exemplo perfeito de antiliberalismo” (MBEMBE, 2018b, p. 175).

Assim, a formação da identidade africana desconsiderou o passado vivido e lançou os sujeitos em uma cultura liberal que demonstrou que a cultura iluminista não colocava

todos os homens como iguais e também não faria com que os indivíduos colonizados fossem reconhecidos como seres humanos. Desse ciclo histórico, pode-se dizer que nasceu o racismo estrutural.

O filósofo Sílvio Almeida (2019) explica, em seu livro *Racismo Estrutural*, o que são os conceitos que atravessam os movimentos negros.

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem (ALMEIDA, 2019, ebook n.p.).

Para o autor, o racismo é sempre estrutural, porque não se pode limitar o olhar apenas para os aspectos superficiais que produzem o racismo. Ele é um processo histórico. Almeida (2019) também menciona o racismo institucional, que serve para manter uma hegemonia do grupo racial dominante no poder, ou seja, nas instituições públicas que detêm o poder. Seria a existência de regras e padrões de conduta que dificultam a ascensão de negros ou mulheres aos lugares de poder.

Para romper com esse ciclo, Mbembe (2018b) compreende que é necessário produzir uma crítica da razão negra, que seria uma forma de controlar o discurso para que o sistema de relações de poder mantenha a dicotomia brancos e negros, e que estes sejam assujeitados pelo sistema. A formação de um discurso que imprime uma interdição ao povo negro e coloca-os em uma condição subalterna, muitas vezes como não sujeito.

Angela Davis (2017) reforça que essas questões sobre racismo devem passar pela educação e pela arte. Para a autora, a escassez de aspectos da cultura negra nas escolas e nas artes faz com que os sujeitos ignorem as questões sobre política racial, o que alimenta ainda mais o racismo. A secundarista Marcela Reis, negra, reforça essa consideração, ao mencionar que eles só aprendem na escola a história contada pelo ponto de vista europeu.

Eu sonho com uma escola colorida, cheia de grafite, onde os alunos possam sentar em roda, ou do jeito que eles quiserem, do jeito que eles aprenderem melhor. Eu sonho com uma escola onde as salas de aula sejam menos lotadas. Uma escola onde as meninas possam ir vestidas do jeito que elas querem. Uma escola que fale da cultura negra, que eu não ouvi, só ouço falar dos portugueses (Marcela Reis, E. E. Godofredo Furtado)⁵.

⁵ Depoimento realizado na época das ocupações. In: *LUTE como uma menina!* Direção e produção: Flávio Colombini e Beatriz Alonso. São Paulo, 2016. Documentário, 77 min. Disponível em:

Os meninos negros da ocupação também foram corpos potentes durante o movimento e promoveram uma transformação de si mesmos importante.

Quando eu entrei na ocupação eu era careca, sem barba, eu tinha um pouco de vergonha do meu cabelo... e depois que eu saí de lá, eu me aceitei mais, como homem negro (André Dias, estudante).

No sentido de a gente não ter vergonha e não precisar mais esconder quem a gente é! (Ícaro Pio, E. E. Fernão, fala enquanto aponta o seu cabelo de homem negro, descolorido)⁶.

Ícaro Pio, negro e homossexual, foi aluno da Escola Estadual Fernão Dias durante a ocupação de 2015, quando tinha 16 anos. Ele relata que, antes das ocupações, ele tinha vergonha de mostrar seus cabelos, por isso raspava a cabeça, e tinha vergonha de quem ele era. O movimento deu a ele a emancipação para assumir seus cabelos e sua sexualidade.

EMANCIPAÇÃO POLÍTICA PELAS EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS

Existe uma experiência estética, uma espécie de modalidade do regime estético, que se funda nas cenas de dissenso da insurgência secundarista. Produzidas no momento das disputas políticas, nas manifestações e ocupações, as experiências estéticas insurgentes também acontecem em outras camadas do movimento, em processos de produção sensíveis individuais, que levam à emancipação e à subjetivação.

Uma dessas experiências estéticas foi a produção de poesia pelos estudantes durante as ocupações. Eles produziram esses poemas não somente para expor a luta em si, mas também para mostrar quem eles são e de onde vieram, para demarcar a negritude que eles carregam consigo. Vejamos uma das poesias⁷ produzidas naquele período:

Viver como estudante

*Viver como estudante,
Ser tratado como desinformado,*

<https://www.youtube.com/watch?v=8OCUMGHm2oA&t=1157s&list=PLx6HesqJ7yTiTG-MQ8YBFce84NV9OQjwm&index=4>. Acesso em: 22/09/2020.

⁶ Depoimentos dados à Trip TV. In: *Quando Quebra Queima*. Direção: Emiliano Goyeneche. Produção: Nathália Cariatti e Laís Araújo. Trip TV, reportagem, 5 min, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3-Rk5lg0dKE>>. Acesso em 22/09/2020.

⁷ Poesias publicadas em: PERIFATIVIDADE, Coletivo. **Perifatividade nas escolas, a poética dos direitos humanos**. São Paulo: Coletivo Perifatividade, 2016.

*Mas a briga é de cachorro grande
E não queremos ser ditados.
Na luta nós entramos,
Garanto, não somos covardes
Todos juntos lutaremos
Pois já cansamos de ficar no aguardo!
Cada vez mais nós aumentamos
Estamos para todos os lados
Somos todos secundaristas
Mas não aceitamos ser secundários.
Não finja não nos ver,
Isso não é utopia
Queremos educação de qualidade
Nesta classista democracia!*

Escrito por
Jhon
E. E. Raul Fonseca

Rancière (1996) nos fala sobre a dimensão estética da política, que abrange a criação de dissensos ao tornar visível o que não é. Os poemas escancaram problemas que permeiam não somente as ocupações, mas realidades que vigoram muito antes do movimento insurgir: a realidade dos alunos de escolas públicas, das meninas, do negro. “É próprio do estético colocar em relação, sempre tensa e conflitual, diferentes tipos de racionalidade e modos de perceber o mundo” (MARQUES, 2010, p. 13).

Além da poesia, do encontro desses estudantes nasce também outra forma de experiência estética: a Coletiva Ocupação, um grupo de ex-secundaristas das ocupações de 2015 que resolveu fazer da arte o seu processo de emancipação. Esse grupo criou e passou a encenar a peça “Quando Quebra Queima”, que estreou no dia 5 de maio de 2018, na Casa do Povo, em São Paulo. Durante a peça, os estudantes recontam a história do movimento e narram as suas próprias dificuldades, seus laços, as relações que se fortaleceram durante as ocupações etc.

Como a peça é produzida e encenada pelos próprios secundaristas, que também são militantes, temos que considerar que o discurso é produzido por eles mesmos. A descrição das próprias experiências no calor do acontecimento feita pelo estudante é política. A forma de linguagem, como proposto por Rancière (2016), está aberta a todos e qualquer um pode tomar parte no processo político e ao mesmo tempo estético de construção dessa resistência.

As narrativas de si são muito potentes em vários momentos da peça, quando eles contam a sua própria história, por exemplo, mostrando para um grupo de espectadores

uma foto deles mais antiga, de alguns anos atrás. Eles se sentam com a plateia e mostram fotos deles mesmos na época da ocupação e contam sobre suas mudanças. Vejamos um desses relatos, de um menino negro que passou por um processo de transformação de si:

Este sou eu antes das ocupações [mostra sua foto]. É muito louco a gente rever a nossa história, rever as nossas fotos, rever as nossas imagens, rever o nosso jeito de ser. Eu lembro que eu tirei essa foto eu tava na quadra da minha escola, e meu cabelo aqui estava muito pequeno, porque meus pais não deixavam meu cabelo crescer, porque quem é preto e pobre sabe o quanto que pra pais pretos é realmente duro ver um filho deixar o cabelo crespo crescer, porque isso significa não ser aceito em vaga de trabalho e significa não ser aceito dentro da escola. Dentro das ocupações eu comecei a entender que não tinha problema nenhum deixar o meu cabelo crescer, porque na verdade isso significava respeitar minha família, respeitar os meus traços e que não é natural desnaturalizar o nosso cabelo pra agradar um sistema que não tá nem aí pra gente preta e pra gente como a gente. Então me ver aqui e me vendo hoje, deixando o cabelo do jeito que eu quero, levando minha vida do jeito que eu quero, do jeito que eu sonho, significa que jovens pretos também têm sonhos e que a gente também merece sonhar (Abraão Santos, durante a peça).

As narrativas de si durante a peça escancaram a questão do racismo, especialmente ligadas ao cabelo afro, que representa, para eles, um símbolo de seu empoderamento como homem preto e mulher preta. Abraão reforça essa questão no final de sua narrativa, entendendo que muitas pessoas ignoram a importância do cabelo, da transição capilar, para a comunidade negra. O preconceito também é reforçado por causa do cabelo. Como Abraão conta, usar cabelo raspado, para os homens, é aceitável, mas deixar o cabelo crescer, o famoso “black power”, é considerado impróprio.

Esse é, sem dúvida, um dos momentos mais emocionantes e transformadores da peça. É um processo de “relatar a si mesmo” (BUTLER, 2015) em que está envolvido a emancipação de cada um, uma construção de subjetividade, um processo de devir-outro, já que eles não são mais os mesmos de antes das ocupações. O relato é também uma ação de autotransformação, autorreflexão e autocriação, que reconfigura os sentidos discursivos de quem fala. Também estabelece relações com outros sujeitos que vivenciaram aquela mesma narrativa ou acontecimento parecido, dividindo ansiedades, desejos e inseguranças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante considerar nessas reflexões que a palavra não pode ser controlada, ela vai para lugares que não deveria ir, incluindo as mãos/olhos daqueles que não deveriam manejá-la. O jogo da palavra desierarquizada mostra que o poder nela contido pode ser retomado e desviado por qualquer um (MARQUES e PRADO, 2018). As palavras carregam uma potência política para alterar as relações entre a ordem dos corpos e a ordem das palavras: é quando aqueles que foram tornados inaudíveis pela distribuição socialmente autorizada de papéis efetivamente comunicam suas demandas que a hierarquia social é alterada e novos meios de fazer, ser e dizer aparecem.

Ao contar a sua história e de seus colegas, o jovem negro impõe a si mesmo uma ressignificação do passado pessoal e coletivo, vendo-o de uma outra perspectiva.

A experiência estética do corpo negro é muito potente no movimento em 2015. Tendo em vista que a maioria dos estudantes que ocuparam as escolas eram negros, moradores de periferia, a tensão presente nas discussões sobre racismo permeia todo o movimento.

Ao analisar a experiência estética do cinema negro, Barros e Freitas (2018) nos mostram que “os regimes de visibilidade (e de invisibilidade) e de percepção só podem ser compreendidos a partir dos seus contextos históricos, sociais, raciais e culturais” (p. 106). Assim, não podemos deixar de pensar nas duas Marcelas, cujos depoimentos foram vistos acima, como mulheres negras periféricas; assim como não podemos deixar de lado que André, Ícaro e Abraão são negros, o que muda suas perspectivas e narrativas pessoais. Na cultura brasileira sabemos que tais condições criam invisibilidades preponderantes na formação desses sujeitos. “E quanto o outro não é visto como sujeito, como um ser humano, todos se coisificam e perdem a condição humana” (BARROS e FREITAS, 2018, p. 100).

As falas de ambas as Marcelas, de Ícaro, de André e de Abraão mostram que a partilha do sensível esconde também uma forma de (in)visibilizar parte importante dos corpos presentes no movimento: os corpos negros. Achille Mbembe (2018b) defende que o racismo tem um lugar proeminente na racionalidade própria do biopoder. Dessa forma, o controle dos corpos e de sua aparição no espaço público é uma das formas de manter uma certa ordem e soberania.

Um rosto humano autêntico é convocado a aparecer. O trabalho do racismo consiste em relegá-lo ao segundo plano ou cobri-lo com um véu. No lugar desse rosto, faz-se emergir das profundezas da imaginação um rosto de fantasia, um simulacro de rosto e uma silhueta que, desse modo, tomam o lugar de um corpo e um rosto humanos. O racismo consiste, pois, em substituir aquilo que é por algo diferente, uma realidade diferente (MBEMBE, 2018b, p. 69).

Não é só a substituição dos rostos e dos corpos negros que está em jogo nessas cenas, mas também o uso da linguagem, da palavra, da imagem como afirma Mbembe.

[...] a palavra nem sempre representa a coisa; o verdadeiro e o falso tornam-se indissociáveis e a significação do signo não é necessariamente a mais adequada à coisa significada. Não foi só o signo que substituiu a coisa. Muitas vezes, a palavra ou a imagem têm pouco a dizer sobre o mundo objetivo. O mundo das palavras e dos signos autonomizou-se a tal ponto que não se tornou apenas uma tela para a apreensão do sujeito, de sua vida e das condições de sua produção, mas uma força em si, capaz de se libertar de qualquer vínculo com a realidade. A razão disso pode ser atribuída em grande medida à lei da raça (MBEMBE, 2018b, p. 32).

A experiência aqui reconstruída pode ser vista como possibilidade de emancipação dos grupos marginalizados, como propõe Rancière (2016). A biopotência despertada pela insurgência é uma forma de reenquadramento de sentidos que levam a novos processos de existir, de questionar e subverter a partilha do sensível. São os devires em revolução.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sílvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BARROS, Laan Mendes de; FREITAS, Kênia. Experiência estética, alteridade e fabulação no cinema negro. **Eco Pós Dossiê Racismo**, v. 21, nº 3, p. 97-121, 2018.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro/Pólen, 2019.
- BRAGA, José Luiz. Interagindo com Foucault. Os arranjos disposicionais e a Comunicação. **Questões Transversais – Revista de Epistemologia da Comunicação**, Vol. 6, nº 12, p. 81-91, jul-dez 2018.
- BRAGA, José Luiz. **Uma conversa sobre dispositivos**. Belo Horizonte (MG): PPGCOM/UFMG, 2020.
- BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**. Crítica da violência ética. Belo Horizonte (MG): Autêntica Editora, 2015.

CAMPOS, Antonia M.; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Márcio M. **Escolas de luta**. Coleção Baderna. São Paulo: Veneta, 2016.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017.

DELEUZE, Gilles. Desejo e prazer: cartas de Deleuze a Foucault. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, ano 12, nº 17, pp. 15-26, 1996.

DELEUZE, Gilles. **Dois regimes de loucos**. Textos e entrevistas (1975-1995). Edição preparada por David Lapoujade. São Paulo: Editora 34, 2016.

FOUCAULT, Michel. Le jeu de Michel Foucault. Entrevista dada à revista *Ornicar*. In: **Dits et Écrits**, v.3, [1977], 1994, p.194-228.

FOUCAULT, Michel. Poderes e estratégias. In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). **Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1977] 2003, p. 241-252.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, [1976] 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

MARQUES, Ângela C. S. Interrelações entre estética e política: o papel das emoções, da experiência e da narrativa ficcional. In: Encontro Anual da Compós, 19., 2010, Rio de Janeiro (RJ). **Anais...** Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), junho de 2010.

MARQUES, Ângela C. S.; PRADO, Marco Aurélio M. **Diálogos e Dissidências: Michel Foucault e Jacques Rancière**. Curitiba, Appris, 2018.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo, n-1 edições, 2018a.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018b.

PERIFATIVIDADE, Coletivo. **Perifatividade nas escolas, a poética dos direitos humanos**. São Paulo: Coletivo Perifatividade, 2016.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento**. Política e filosofia. São Paulo: Editora 34, 1996.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: Estética e política**. São Paulo: Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **The method of equality**. Interviews with Laurent Jeanpierre and Dork Zabunyan. Cambridge: Polity Press, 2016.

RANCIÈRE, Jacques. **Le méthode de la scène**. Entretien avec Adnen Jdey. Paris: Lignes, 2018.